

RUA ANTONIO SARMENTO

Conhecida antes por rua São Vicente de Paula

Deliberação da Câmara em 31-08-1927

Editais de 12-09-1927

Formada pela primeira travessa paralela à rua D. Maria Soares

Início na rua Francisco Teodoro

Término na avenida Sete de Setembro

Vila Industrial

Obs.: Edital assinado pelo Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em Exercício, Dr. Celso da Silveira Rezende.

ANTONIO SARMENTO

Antonio Duarte de Moraes Sarmiento nasceu em Mogi Mirim, SP, a 09-06-1850 e faleceu em Campinas, a 20-02-1924. Era filho de Joaquim José de Moraes Sarmiento e Ana Teresa Duarte de Moraes Sarmiento. Havendo feito seus estudos em sua terra natal, em 1875, um ano após a morte de seu progenitor veio para Campinas com sua mãe e os irmãos Joaquim, José Alberto e Josefina. Iniciou sua vida no comércio, como guarda-livros da firma comissária Souza Queiroz & Vergueiro. Aqui conheceu e manteve amizade com dois portugueses: Henrique de Barcelos, caixeiro de uma loja de ferragens e José Gonçalves Pinheiro, que era aprendiz de alfaiate. Filhos de famílias burguesas aos três se deparou uma aventura, com o remate, por Antonio Sarmiento, por 300 mil réis, de antigo prelo que se encontrava jogado no fundo de um quintal da casa da progenitora dos irmãos Teodoro, ex-proprietários da "Aurora Campineira". Lançaram um pequeno jornal, "A Mocidade" com o propósito de defender os direitos dos caixeiros. Sem dinheiro, os três se desdobraram e "A Mocidade" evoluiu em "Atualidade" e um ano depois do lançamento, se transformava no "Diário de Campinas", primeiro jornal diário a surgir na imprensa local. Tempos depois, os dois portugueses socios se apartaram e foram fundar o "Correio de Campinas", ficando Antonio Sarmiento, que sem pretensões a articulista, possuía o farrô de ofício, sentindo as aspirações populares e fazendo o "Diário" sua própria vida. Foi órgão importante, foi abolicionista e republicano, realizou inúmeras campanhas de importância para a vida da cidade, daí nascendo a idéia e a concretização do Asilo dos Inválidos e combatendo os abusos e, com galhardia, mantendo uma posição de imparcialidade na apreciação dos problemas. Essa brilhante imprensa manteve-se até 30-09-1901, quando Antonio Sarmiento recolheu-se ao trabalho tranquilo de uma coletoria federal. A coleção completa desse magnífico jornal, foi doada pela viúva do grande jornalista, d. Alexandrina Mauricio Sarmiento, ao Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

Denominações de ruas

Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 31 do mez findo, e de accordo com o art. 7.º Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:

AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob n. 1, planta da Prefeitura); -- RUA DR. GUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Alferes Raymundo*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMAOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar á Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bifurcada em duas, na parte que vae da bifurcação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Culto á Sciencia, em frente ao Gymnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Maranhão, no Botafogo. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafogo. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARÃES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e paralela á precedente (sob n. 10, planta da Prefeitura); -- RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua paralela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogiana, vulgarmente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); -- RUA AMADOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo, (sob n. 12, planta da Prefeitura); -- RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Uza*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); -- RUA DR. ROBERTO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, paralela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyrá*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); -- AVENIDA DR. WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localizada entre as linhas das Companhias Paulista e Mogiana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); -- RUA LUIZ GAMA, a paralela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana. (sob n. 16, planta da Prefeitura); -- RUA DR. THEODORO LANGAARD, a 1.ª paralela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); -- RUA SANTANNA GOMES, a 2.ª paralela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); -- RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua paralela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); -- RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª paralela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); -- RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª paralela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); -- RUA JULIO RIBEIRO, a paralela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); -- RUA JOAQUIM VILLAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Invalidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); -- RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, paralela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*. (sob n. 25, planta da Prefeitura); -- RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Atherio Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Alferes Raymundo. (sob n. 26, planta da Prefeitura); -- RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e paralela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); -- RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa paralela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); -- RUA OSCAR LEITE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), paralela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguara. (sob n. 29, planta da Prefeitura); -- RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); -- RUA DR. CARLOS GUIMARÃES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 4, planta da Prefeitura); -- RUA DR. SAMPAIO FERRAZ, a 1.ª rua paralela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Cel. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); -- RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende





Antonio Duarte de Moraes Sarmento nasceu em Mogi Mirim a 9 de junho de 1850 e faleceu em Campinas, aos 74 anos de idade, a 20 de fevereiro de 1924.

Iniciou a vida no comércio, como guarda-livros da firma comissária Souza Queiroz & Vergueiro. Por esse tempo, dois outros rapazes, Henrique de Barcelos e João Gonçalves Pinheiro, portugueses, ambos caixeiros e na praça campineira combinaram com o mogimiriano o lançamento de um jornal que deveria tratar e defender os interesses da classe caixeira. E lançaram "A Mocidade", instalando-a numa casa baixa, paredes de taipas, situada na antiga rua do Teatro, depois José de Alencar, e atualmente, Ernesto Kuhlman, entre 13 de Maio e Campos Sales. O prelo tinha pertencido aos fundadores da imprensa campineira, os irmãos João Teodoro e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, quando lançaram a "Aurora Campineira", em agosto de 1859 e foi adquirida por Sarmento pela quantia de trezentos mil réis. Mais tarde Sarmento adquiriu um novo prelo e tipos em abundância no Rio de Janeiro.

Foi tão bem acolhido o jornalzinho que não só circulava por Campinas, como também em Mogi, Amparo, Rio Claro e outros centros populosos. Um ano depois passou a denominar-se "A Atualidade" que era bi-hebdomadário. Sucedeu em Setembro de 1875 o "Diário de Campinas". O "Diário" era liberal, havia moderado sua feição anti-clerical e iconoclasta do grupo dos fundadores, pregava a Abolição e passou a pregar francamente a República.

Dali, tempos depois, apartaram-se Henrique de Barcelos e Gonçalves Pinheiro, que foram fundar o "Correio de Campinas". Sarmento arranjou-se sozinho e, aos poucos, foi chamando para a redação novos e devotados companheiros, diletantes do jornalismo.

Antonio Sarmento, sem pretensões a articulista, mas hábil no manejo do jornal e possuindo o faro do ofício, que o levava a sentir as palpitações e aspirações populares, fazia do "Diário" sua vida, fiscalizando o trabalho de todas as secções.

Assim, teve o "Diário de Campinas" papel importante ao levantar a cortina que cobriu o "Crime de Pinto Junior", que encheu de comoção a Campinas de 1885; na campanha abolicionista; na propaganda republicana e entre outras a da instituição de um "Asilo de Inválidos", para os quais Antonio Sarmento obteve num trabalho de rara tenacidade as primeiras subscrições. Fazia ele, aos domingos, numeros especiais com a biografia de grandes figuras da vida social, politica, administrativa e religiosa da cidade, sem declinar-lhes os nomes, para que os leitores ou leitoras os advinhassem. Era propaganda e diversão e o número especial, cuja venda avulsa se destinava integralmente à "sacola do Asilo" instruiu e deleitou

leitores e leitoras e ameahou o primeiro conto de réis que foi a primeira pedra daquela fundação.

Por ocasião do golpe de Deodoro de dissolução do Congresso, e do contragolpe de Floriano, Antonio Sarmiento tomou a defesa do govêrno, que representava a ordem constitucional. Em outras campanhas ainda entrou o jornal, não só nas de interesse da sua cidade, como em todas as outras que agitaram o país naquele primeiro decênio de implantação do regime republicano. Essa posição decisiva não impedia, entretanto que, certas vezes o jornal verberasse abusos ou defecções dos proprios correligionários. Procurava ele manter e manteve, com galhardia, uma posição de imparcialidade na apreciação dos problemas mais altos.

Essa existência de trabalhos chegou até o limiar do novo século: em 30 de setembro de 1901, o "Diário de Campinas" deixou a liça, quando a imprensa local já contava com outros órgãos. Morto o "Diário" Antonio Sarmiento recolheu-se ao trabalho tran-
quilo de uma coletoria federal.

Sua coleção de jornais, 26 volumes preciosos, assim como, em primeiro ano da "A Mocidade", "A Sensitiva" e a "Petuleia", foram doados mais tarde, pela viúva do grande jornalista, d. Alexandrina Mauricio Sarmiento, ao Centro de Ciências, Letras e Artes.

(Extraído de fls. 13, do jornal "Diário do Povo" do dia 13-abril-1958, "Edição Comemorativa do 1º Centenário da Imprensa Campineira")





O anoitecer da imprensa romântica

ca em Campinas

(Conferência proferida pelo jornalista

JULIO MARIANO

Dia 30 ultimo, no Municipal, quando a Organização Artística Prata da Casa prestou homenagem a cinco veteranos integrantes da imprensa local

A imprensa amanheceu romântica, em a provinciana Campinas.

Despontando em 6 de abril de 1858, quando de muito uso nas letras em prosa e versos do Brasil-Imperio aquêes delictosos mas já excessivamente gastos babados românticos, de moda em declínio em a velha Europa, o Jornal — "Aurora Campineira" — dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva, era folha que se idealizara e se plasmara sob a influência de gosto, costumes e credo espiritual em predomínio na época ou meio ambiente.

Gazeta romântica desde a legenda feita cabeçalho — "Aurora" —, que rememorando os primórdios da imprensa fluminense em Jubileu, também diz da doce e brilhante claridade que precede o nascimento do sol, dos ruidosos e festivos clarins da alvorada, que no canto épico de Leopardi é o instante em que volte a verdade a terra e se afastam as vans imagens, a luz, no entanto, derramada das quatro páginas e colunas pobres do pequeno jornal, em verdade não seria mais que bruxoleante chama de candela, a tentas espandiar sombras de incultura e preconceito, na cidade ainda quase burgo, que se formara e se espalara nas paragens do antigo sítio "Campinho".

Essa, realmente a verdade sobre o claro da "Aurora Campineira", como folha do amanhecer de nossa imprensa. Mas, para João Teodoro, tipógrafo letrado que a imaginou, fundou e redigiu, manejando com desembaraço e destemor a pena de pato, seria como que uma explosão de luz em o escuro de ignorância e superstição do meio por demais provinciano, fora lançada à publicidade como tribuna de liberalismo. Integramente devotada à causa do povo, órgão capaz de rebeldia ante os mandões da terra. E tudo isso, considerando o tempo, cultura, engatinhamento em progresso da evolução social, era romantismo puro!

Antes do mais, tentemos definir esse romantismo, para que não aconteça ser tomado em o sentido mais vulgar do vocabulário, fazendo crer em algo semelhante aos suspiros à luz, por entre quadrinhas chorosas, dos passados cantores zabelhudos, seresteiros de madrigais.

No jornalismo, ou na literatura propriamente dita, assim como nas demais bellitas artes — a música, pintura, escultura, arquitetura —, são evidentes certos característicos de forma, de idealização, de gosto, identificando este ou aquele grupo de filiados à mesma arte, resultando daí a classificação das escolas, que as possuímos inúmeras, sendo, porém em o trato, mais familiares, o clássico, o romântico, o moderno, o futurista ou o existencialista. Em se referindo ao romantismo, nos o compreendemos, aqui, na interpretação que lhe dá um Pierre Laserra. Revolução espiritual,

foi o romantismo uma desordem que abrangeu os sentimentos e as idéias, uma insurreição do instinto contra a razão. Tem, assim, um significado mais amplo que simples moda literária ou corrente artística. Abrangendo a política, no campo das idéias, com derramado humanitarismo pretende interterir nas leis e chocar-se, não raro, com a autoridade constituída. Para o romântico, a boa política seria o domínio de fatos individuais, sujeitos ao acaso ou aos arcanos da história, e insubmissos a qualquer princípio de regularidade. Revolucionário anárquico, de origem em Jean Jacques Rousseau, o romantismo investe contra as regras abstratas, contra o convencionalismo e o arbitrário das ingerências governamentais. Quando se nos oferece aparentemente reacionário, com o católico Chateaubriand, nem por isso deixa de ser filho espiritual do mesmo Rousseau, opondo-se a aliança selada entre a burocracia e o despotismo, se identificando com o revolucionário no campo social.

Em resumo: com a tendência de conferir nos sentimentos, e não à inteligência, o direito de supremo guia da vida, quer para o indivíduo, quer para sociedade, o romântico, quando não mergulha em pessimismo lírico, doentio, descrendo de tudo e de todos, arquiteta para a própria existência um poema épico de lutas e rebeldia, feito cavaleiro andante de passadas eras, um vô, de lança em riste, a escrever contra todos os poderosos, desbaratando-os, vencendo-os, para a exaltação final dos fracos e humildes. Assim, o romântico despreza o pacto burguês. E o burguês, do ciclo do romantismo, na definição de Theophile Gautier, "era mais ou menos todo o mundo, os banqueiros, os corretores de câmbio, os tabelhões, os negociantes, os farmacêuticos, quem quer que participasse do misterioso cenáculo e ganhasse prazaticamente a vida".

Tornemos, porém, a João Teodoro de Siqueira e Silva e seu modesto hebdomadário — "Aurora Campineira".

Jornalista tipógrafo, sem o canudo de bacharel de um Hipólito José da Costa, João Teodoro, de natural avéss a barretada a governos e governantes, tão somente se deixara apaixonar pelos princípios liberais, divulgados pelas seltas maçônicas, esparriadas, na época, por a tudo da provincia. Evocado à distância de um século, em perfil de largas e estufadas pluceladas, o pioneiro da imprensa, na "Princesa D'Oeste", se nos apresenta rematando os próprios artigos nos calvotins poerentes de antinônio, frelando o vô largo das atropeladas idéias, para que melhor as pudesse conter, aceitar em períodos, com os caracteres tipográficos em viraem um a um, da calveta svelta no canoneador.

Revelado o tipógrafo a ninguém é dado estranhar este-

mor e bellicosidade em João Teodoro, que andou as turras, aos francos, por causa do jornal, molestado-se humilhando-se até ao ódio, com a gente grãuda da terrinha, inclusa uma autoridade de alto porte como o meritíssimo Juiz da Comarca, O tipógrafo, ou o impressor, de antanho, quando mesmo arrastando a pretensão ingênua de poder, consentar o mundo, nivelar a sociedade a golpes de panfletos ou a explosões de dinamite, era não raro um idealista sincero, brigão pelo que possuía de convicções próprias. Manejando sem galante de estilo ou esbanjamento de retórica a pena de jornalista, acontecia descambar a pasquinadas, meter o beifeijo em escândalos jamais arredando pé, no entanto, da trincheira de combate à cuja bandeira se engalara. O antigo tipógrafo, na falta de religião que lhe falasse do céu costumava ser devoto a princípios, conceitos amassados no terra a terra, que dissessem de reivindicações sociais.

Homem do povo, gazeteteiro afeiçãoado à luta, João Teodoro pelejou em época qua, no dizer de Alberto Faria, era dos "assariados porretes, moedores e atrevidos", das "venalíssimas garruchas, liquidadoras de telmosos". Possivelmente ameaçado de muitas fúndas, não se amedrontou. Se, houve alguém por estas bandas desejoso de faz-lo engolir a folha impressa, em a qual se estampasse um de seus artigos mais contundentes tal violência, muito em uso no interior até quase os nossos dias, com ele João Teodoro não se consumou em fato para o registro das crônicas. Por outro lado, dinheiro algum se lhe meteu na alzebra, para a compra de opinião ou de elogio. Durante os dois anos de vida publicitaria da "Aurora Campineira", arcou o jornalista pioneiro com a tarefa de dirigir, compôr, imprimir e distribuir semanalmente, a folha aos seus 120 assinantes, que mais não os teve. Quanto aos louros conquistados, se resumem no fato de o jornalista ter aguentado a mão em quinze processos, por delictos de imprensa. Quinze? Talvez catorze. Porquanto em o décimo quinto processo, condenação do gazeteteiro-tipógrafo a sete meses de prisão, a cumprir no "Limoeiro" cabocço do Largo da Matriz Velha houve por bem fugir e homiziar-se em fazenda agrícola de amigo.

Com isto veio a ruit, em 1869 aquela primeira tenda romântica da velha Campinas deslindando-se João Teodoro de seu romantismo épico e gazeteteiro, quebrando de vez a pena de pato com a qual escreveu nos editoriais, fazendo-se pacto buruês, homem de negócios, a aceitar encomendas em sua tipografia de impressos puramente comerciais.

Melancólico capitão do amannecer da imprensa campineira cujo lúmino o de aurora colorido bonito de alvorada u ma simplices avuem do poder burguês, materialista e utilita-

rio a seu modo, apagou, chumbando o céu da "Princesa D'Oeste" durante anos e anos que se seguíram ao episódio de João Teodoro. Mas o jornal, que na expressão do bispo castelhano Dom Lopez Palaez, são folhas desprendidas da arvore da Ciência, que por um instante sobem, remoinham ao sopro da tormenta, para depois tombar ao solo e confundir-se em o po, do esquecimento, o jornal retornaria a Campinas, animado por empresas mais sólidas, ficando estas mais fundas que se alastraram em raízes, criando, assim em definitivo, a era da imprensa na cidade imperial.

Esse meio dia da imprensa campineira foi todo éle, ainda, gloriosa aventura de gazeteteiros românticos.

Precisamente a 31 de outubro de 1869, surgiu à luz a "Gazeta de Campinas", cujo fundador e primeiro redator-chefe se sagrara poeta com a publicação das "Estrelas errantes", e reuniu em sua tenda de trabalho para o gazetismo bi-semanário alguns moços imbuídos de sonhos literários, entre os quais o também poeta de merecimento, João Quirino, Jorge Miranda, Campos Sales e José Bonifácio do Amaral. Lançado o jornal sob bons auspícios, não tardou muito para que em a redação da rua De Baixo, esquina da rua Formosa (Doutor Quirino e Conceição de hoje), a poesia se consorciasse a política, política de moços, e de ver agitando em meio ao imperio de sr. Dom Pedro Segundo a ideia de uma republica nos moldes de 93, na França. Compreendese o revolucionismo romântico dessa "Gazeta de Campinas", também abolicionista, de vez que a "Historia dos Girondinos", de Lamartine, e os inflamados romances de Vitor Hugo, eram devorados no original, pela juventude letrada do interior da provincia. Foi a literatura romântica francesa, talvez mais que a influência norte-americana, o que alimentou o ideal republicano da hora primeira, entre nos conquistando desde logo os jovens Campos Sales e Francisco Gilcério, este ultimo antigo aprendiz de tipógrafo na oficina grafica de João Teodoro, que abraçado a um violão de serenatas, cantava ao luar, possivelmente os próprios versos líricos adotando a "Marselheza" como himno de guerra. Esses republicanos segundo apontou Ollveira Vianna, sonhavam utopicamente um governo do povo um governo de opinião, a maneira anglo-saxonia, num país em que a opinião, à maneira anglo-saxonia não existe. "E como não podiam realizar o seu ideal nem compreender exatamente a causa dessa impossibilidade irritavam-se, impacientavam-se, desesperavam, e, invadidos afinal pelo ceticismo acabavam — como se dizia — "perdendo a fé nas instituições". Romantismo puro, atado nas "lunas da "Gazeta", após o lançamento do primeiro numero de 1870.



Mas Campinas, em a década ... 1870-1880, oferecia já campo propício à imprensa. A política em efervescência, as idéias em choque, as folhas periódicas iam apontando aqui e ali, não importa se para o florescer do um dia como as rosas de Melherbe. Não diremos de todos esses jornais, e sim unicamente do "Diário de Campinas", que revelou os Sarmento e Henriques de Barcelos para a história da imprensa campineira.

Aventura heroica e pitoresca, a que se entregaram juntos, amigos e quase irmãos, os moços Antônio Duarte de Moraes Sarmento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Imbeiro. Isto, antes dos idos de março de 1874. Não eram acadêmicos e nem pertenciam ao círculo de poetas e literatos da "Gazeta", de Quirino dos Santos. Simples ajudante de guarda-livros, o Moraes Sarmento, e caixeiro de loja de ferragens o Barcelos, faziam ambos boa companhia com o aprendiz de alfaiate Gonçalves Pinheiro. Rapazes burgueses. Filhos de famílias burguesas. A aventura se lhes ofereceu, um dia, com o remate, por Antônio Sarmento, do antigo prédio cambaúbo, da "Aurora Campineira", que se encontrava jogado num galinheiro, fundo de quintal da progenitora dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva. E os três imaginaram, daí, o lançamento de "A Mocidade", cujo lema de combate seria a defesa dos direitos da "classe caixeiral"...

Capital, para início da empresa, não dispunham de ennum, porquanto a aquisição do prédio, camuado se ultimou com trezentos mil réis, que Antônio Sarmento tomara emprestado. O certo, porém, é que se "virando" e se desdobrando os três, em atividade manual e cerebral, partilharam "A Mocidade", que evoluindo em "Atualidade", um ano decorrido. Isto é, em '75, se travestia no másculo "Diário de Campinas", primeiro cotidiano a surgir na imprensa local, para a esplêndida jornada do abolicionismo, além de outras campanhas políticas ou de sentido humanitário.

Belo fruto, colhido da sementeira de romantismo puro.

A velha "Gazeta" e o antigo "Diário de Campinas", são jornais que legaram à geração de gazeteiros do presente século uma tradição épica de lutas e conquistas, no terreno das idéias, mas de minguido metal sonante. O gazeteiro do passado, de memória ilustre, poderia exclamar, orgulhoso, como o esquecido herói do medievo romance de cavalaria:

— "Meus arreis são as armas, Meu descanso, pelejar!"...

Para esse gazeteiro, hoje histórico, como certos monumentos ou objetos de museu, o direito de uso ao título — jornalista —, quando se lhe conferia, é porque houvera cavalegado valentemente em o largo terreiro das justas, onde as polémicas se travaram violentas e freqüentemente também, para as folhas, três ou quatro, de opiniões divergentes entre si, cada qual desfraldando bandeira própria, o combate vivo, cotidiano, era a sua razão de ser.

Ainda no decorrer do primeiro quartel do século vinte, a imprensa local, em sequência ao gazetismo praticado em os remotos dias de João Teodoro, Quirino dos Santos, os Sarmentos e Barcelos, lembrava tudo de romantismo em suas atividades e modo de encálar o mundo, os complexos problemas sociais. Uma imprensa que, permanecendo democrática nos moldes da Constituição da primeira República, era coisa da verdadeira liberdade e individualismo, jamais aceitando freio algum à liberdade de opinião, de crítica e de crença, quer em a palavra falada, em praça pública, quer em a palavra escrita do mais rebelde dos pasquins.

Tais liberdades, hoje, como sabemos, facilmente se concedem e facilmente se cerceiam. Quando não às claras, mediante providências devidamente camufladas, com o maneio de interesse ocultos.

Sensível aos temas humanitários e populares, respingados de nacionalismo e bairrismo, quase jacobinismos, a imprensa, ainda de ontem, de prélios cambalôs composta em caixotins sujos, de um punhado de tipos móveis, sovadíssimos, era por demais lírica em sua crença de que o jornalismo se fizera exclusivamente para o sacerdócio de idéias, juntos às massas, e boêmia de espírito de seus redatores, os homens da madrugada, os cruzados da peleja rude, cotidiana, em prol dos pequenos, dos humildes, os que destemerosamente investiam com a pena rombuda, feito lança, contra os abusos dos coronéis da política e privilégios de senhores da fortuna!

Isto, em nossos dias, além de romantismo puro, é um tanto perigoso para a estabilidade do jornal. Pode constituir crime de agitação, subversão da ordem social vigente, delito mais ou menos semelhante ao que perpetuou Catilina na máldição dos séculos.

Em verdade, outros tempos, outros costumes. Coincidindo o advento da moderna e melhor aparelhada imprensa, em Campinas, com o definitivo anoticeer do jornalismo romântico, tudo teria que ser diferente. Homens e máquinas. Não é mais aventureiro e perigosamente incerto o ser jornalista, quando a profissão se tornou comum e pacatamente burguesa, semelhante, como diria Theophile Gautier, a do banqueiro, do corretor de câmbio, do tabelião, do negociant., do farmacêutico, quem quer, enfim, que ganhe prosaicamente a vida. Na maioria das vezes, os profissionais de nossas gazetas, não mais confinam as próprias atividades com a primeira hora da madrugada. Outros, igualmente chamados "profissionais", ignoram o que seja o interior de uma oficina de jornal.

Em compensação, a classe ilustre, não mais de gazeteiros e sim de jornalistas, devidamente reconhecidos por sindicatos e entidades conêneres, evoluiu extraordinariamente, proliferou asombrosamente! O seu quadro, oportunamente divulgado, ao ensejo das festas centenárias deste abril, bem informa a quantos possa interessar, facilitando as buscas do his-

toriador futuro, que Campinas atual é povoada de uns quatrocentos ou quinhentos jornalistas! Todos eles, com o favor de Deus, vivos e sãos. Dissêmos quatrocentos ou quinhentos, avaliando por alta, porquanto a lista de nomes que se remete à posteridade é longa e não encoraja muito à contagem. Seriam um milheiro, talvez.

Sim. Outros tempos, outros costumes. Em a época, na qual coincidiu publicar-se diariamente nesta "Princesa D'Oeste" o "Correio de Campinas", o "Comércio", "Cidade de Campinas" e o novíssimo "Diário do Povo", a soma de gazeteiros por estas bandas não atingiria a casa dos trinta. Mas isto, convém assinalar, foi em a década 1910-1920. Desd'ai, progredimos muito!

Definitivamente encerrada, com a moderna imprensa, a atividade romântica e gazetismo épico de nossos jornais, mesmo assim uns quantos gestos de puro romantismo acontecem por aí, com êste ou aquêlê homem de jornal, gestos que dariam assuntos a coloridas crônicas literárias. Para dizer só dos mortos, lembramos, entre alguns, o caso de José Dias Leme, quando convidado para redator-chefe do "Correio Popular", em o ano de 1948. Jornalista literato, a antiga, que passara pela chefia da segunda "Gazeta de Campinas", o amigo Juca, fino cronista, poeta delicado, todo êle sensibilidade para as artes e coisas da tradição, aceitara e convite que lhe fizeram, para dirigir o "Correio", marcando dia e hora para assumir o cargo.

Chega o dia de véspera. Em visita ao jornal, certamente para os preparativos de posse de suas funções, lúcia o bom Juca Leme conversa com um dos diretores da empresa jornalística. Indagá da coluna de noticiário de falecimentos. Quer saber o porque de os necrológos passarem todos, pela gerência. Informado de que tais notícias eram págas, o Juca estranha e protesta. Aquilo não podia ser. Cobrar notícia de falecimentos? Com êle, José Dias Leme, a frente da redação do jornal, não se cobraria mais o necrológio. O diretor, mui delicadamente, fez ver ao Juca que êle pretendia invadir seara alheia, interferindo na parte econômica do jornal, quando o seu cargo seria o de redator. Teima daqui, terra dali, e o resultado foi renunciar o Juca o cargo de redator-chefe do "Correio Popular", que nem ao menos houvera assumido.

Romantismo puro, o do saudoso José Dias Leme, e anacrônico para a época.

Lembramos, ainda, do caso de Benedito Florêncio, acontecido no "Diário do Povo". Cronista durante longos anos da seção "Tome Nota", que lhe confiaram, o Florêncio era vivo e gaiato, em seus escritos, usando de sal grosso e pimenta em os comentários de fatos do dia. Popularizado como poucos, devido ao "Tome Nota", mal deixava transparecer o que lhe ia de sentimentos mais elevados, no íntimo. Supunham-no, geralmente, boêmio incorrigível, capaz de tódas as troças, metido em tódas as pân-

degas e até malandrangens. O coração de Benedito Florêncio naturalmente revelava derramada ternura, quando discursava êle aos homens de sua raça, aos pretos. Ai, aos arreoubs da eloquência, a voz se lhe esganicava e os olhos se lhe tornavam rasos de pranto... Era, então, o tribuno e paladino de todos os negros, seus irmãos!

Gravemente enfermo, o Florêncio, lá em São Paulo, rodeado dos carinhos do único filho e velha esposa, presentiu que ia morrer, que não tardaria muito em fechar os olhos para o mundo. E lembrou-se do "Diário do Povo", jornal que lhe fora mais que simples campo de atividades literárias, em anos acumulados, que lhe fora como que uma religião, a segunda família, o seu teto de mais noites dormidas, porquanto Florêncio, gazeteiro boêmio, tinha arrumado o seu catre desde há muito ao pé da máquina impressora do "Diário".

O enfermo, se arrastando como pôde, fugiu dos seus, ganhou a estação e tomou passagem para Campinas. Embrulhado em cobertor, foi deitar-se na dura e pobre cama, ao pé da impressora do jornal. Era seu supremo desejo, o morrer ali!...

Dias depois, o filho, reconduziu Florêncio a São Paulo, quase à força. Não durou semanas...

Coisas românticas, doridamente românticas, de passados gazeteiros desta velha Campinas.

Testemunhos vivos, dessa imprensa de ontem, seus lidadores, aí estão: o venerando Antônio Franco Cardoso, diretor-fundador do "Diário", após estreito companheirismo com Barcelos. E o lema do velho Cardoso, quando diretor ativo de jornal, era o "meta o pau!". Um Tasso Magalhães, passado pela secretaria do "Diário do Povo", de Alvaro Ribeiro e Cardoso, e que posteriormente chefiou a redação do "Correio Popular" e fundou, com sacrifício das minguias economias, o seu próprio jornal "Journal de Hoje".

— folha que, por excesso de romantismo de idéias e crenças revolucionárias e pobreza de capital sonante, não vingou. Um Benedito Cavalcante Pinto, redator-chefe de lutas, em a segunda "Gazeta de Campinas", cujo empastelamento, em 1930, tentou impedir, êle só, frente à multidão politicamente fanatizada e bêrra para a desordem. E êle, Cavalcante, peito à vela, sem armas outras que os próprios punhos, expôs-se inutilmente a um quase trucidamento, por amor ao jornal! Ai está o Sarmentinho, reporter desde o ano de 1910, memória viva para quantos fatos policiais se sucederem neste derradeiro meio século de nossa Campinas. Ai está o Carlos Alberto de Oliveira, reporter de tódas as fezzas que se realizaram em quarenta anos, nesta "Princesa D'Oeste", e que como correspondente de "O Globo", do Rio, almeja a eternidade...

Companheiros vivos, da imprensa de outros tempos, a todos êles. E os rendemos as nossas homenagens, neste complemento de festas centenárias do jornalismo campineiro, cujo romantismo anoteteceu, morreu!